

FREDERICO DUARTE CALMON CARVALHO

ARTE URBANA NAS ESCOLAS

Brasília, 2019

Frederico Duarte Calmon Carvalho

ARTE URBANA NAS ESCOLAS

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Thérèse Hofmann Gatti

Brasília, 2019

Agradecimentos

Eu gostaria de registrar meus mais sinceros agradecimentos às três pessoas que iluminaram meu caminho para que eu pudesse chegar aqui com clareza e certeza dos meus objetivos pessoais quanto arte-educador. Graças a vocês, entendi o meu lugar aqui e defini o que eu faria para que todo o meu trabalho tivesse o melhor proveito e satisfação em realizá-lo possível.

Agradeço a Ana Paula Caixeta por ter me mostrado como eu poderia conciliar a minha produção artística com a pedagogia, me guiando e me sugerindo dicas e métodos operacionais para que as minhas primeiras aulas no Centro de Ensino Médio Elefante Branco funcionassem bem do início ao fim. Suas aulas, estratégias e ensinamentos, trabalhadas de forma absolutamente dedicada, me apoiaram de maneira imprescindível.

Agradeço a Tatiana Hernández por ter me aconselhado para a trajetória mais perspicaz no caminho da arte-educação, mesmo em momentos de decisões rápidas quando surgiram imprevistos com meu trabalho na escola. Agradeço cada minuto de conversas a respeito dos ocorridos, pois cada minuto foi conversado com muita atenção até às mais pequenas coisas envolvidas, me ajudando muito a seguir um passo mais a frente do que eu estava, me permitindo entender melhor as situações e me auxiliando a agir da melhor maneira possível.

Um agradecimento especial a professora doutora Thérèse Hofmann por ter sido uma mãe que eu não tive em diversos aspectos e momentos de uma fase tão difícil e de mudanças tão rápidas. Obrigado por ter me mostrado um caminho de trabalhar naquilo que eu faço e gosto, por ter me apontado alternativas para continuar desenvolvendo materiais de arte, e por ter topado e acolhido a minha causa nesta tese de licenciatura em Artes Visuais. Agradeço também por fazer tantos estudantes de artes compreenderem o grau de importância que tem a nossa caminhada, e por nos ensinar a nos valorizar enquanto classe.

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal constituir um plano de aulas para o Ensino Médio e EJA, focados na temática da Arte Urbana. O proposta pretende estimular que estudantes investiguem o fenômeno da arte urbana, analisando obras e comentando a respeito. Pretende-se que os estudantes conheçam os conceitos e que sejam esclarecidos sobre estes, e que os estudantes venham a desenvolver obras nas instituições de ensino ao longo do período letivo. Sob orientação do professor ou professora, os estudantes irão trabalhar em suas obras com as temáticas sugeridas pela escola ou pelo contexto atual e contemporâneo às obras.

Apresento meu relato autobiográfico, minha trajetória com este campo, trazendo o relato das experiências que tive nas escolas trabalhando com esta temática durante o período dos estágios obrigatórios, e em seguida disponibilizo a metodologia de ensino recorrida, assim como as estratégias e os procedimentos executados para as aulas.

Palavras-chave: *graffiti*, pichação, arte urbana, muralismo, arte-educação

Lista de Figuras

Figura 1 – Autorretrato em Estêncil.....	7
Figura 2 – A Caverna das Mãos (Patagônia).....	11
Figura 3 – Blek Le Rat 1.....	12
Figura 4 – Blek Le Rat 2.....	12
Figura 5 – Abandonar espaço é deixar gente sem casa!.....	15
Figura 6 – Comitê formador do Fórum de <i>Graffiti</i> do DF.....	17
Figura 7 – Aula teórica.....	18
Figura 8 – Estudantes recortando estêncil de Machado de Assis.....	19
Figura 9 – Estudantes com estêncil aplicado.....	19
Figura 10 – Estudantes com <i>graffiti</i> aplicado.....	20
Figura 11 – Parede antes da revitalização.....	21
Figura 12 – Estudantes pintando parede.....	21
Figura 13 – Mural Coletivo no CESAS.....	22
Figura 14 – Colagens Poéticas (Coletivo Transverso).....	24
Figura 15 – Estênceis (Coletivo Transverso).....	25
Figura 16 – Eu Prometo (Humanos/SP).....	25

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1. Proposta.....	8
1.2. Justificativa.....	8
1.3. Histórico.....	9
2. DESENVOLVIMENTO.....	13
2.1. Objetivos Gerais.....	13
2.1.1. <i>Objetivos Específicos</i>	13
2.2. Minha Trajetória.....	14
2.3 Legislação.....	16
2.4 Observação (CEMEB).....	18
2.5 Experimentação (CESAS).....	20
3. CONCLUSÃO.....	22
3.1. Análise e Conclusão.....	22
3.2 Metodologia.....	23
3.2.1. <i>Plano de Aula: Procedimentos e estratégias</i>	23
3.2.2. <i>Observações pessoais</i>	28
3.2. Sugestões de novas linhas de estudo.....	29
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

A arte urbana está em quase todos os lugares urbanizados do Brasil. De Norte à Sul no país, podemos encontrar fragmentos dela praticamente em todas as direções em que olhamos, sejam em comércios, casas, passagens subterrâneas, viadutos ou pontes.

É praticamente inevitável não encontrar ao menos uma intervenção instalada em alguma praça ou em ambientes onde convivem as massas. Mesmo em lugares onde não existem funções públicas ou em locais abandonados, há aquele *graffiti* ou intervenção que expõe os traços de alguém que ali passou, com o propósito de explorar e conhecer o local, ou apenas registrar algo nos muros. Nas ruas, em locais públicos, é possível observar imagens, painéis, até mesmo murais, dividindo o espaço visual com colagens, letreiros, banners, propagandas e afins.

Tendo em vista que a arte urbana está presente em quase todos os lugares por onde passamos nos centros urbanos, vamos apresentar aqui um plano de aulas que vem para mediar este diálogo entre arte e espectador, essencial e necessário. A proposta vem com o intuito de dialogar sobre o contexto no qual se inserem essas imagens, sejam elas escritas, coloridas ou gravadas, tirando das margens o discurso que está presente no cotidiano daqueles que tem olhares para os muros, colocando a arte urbana em foco para análise, prática, e aprofundamento.

Este meu interesse sobre a arte urbana surgiu ainda no Ensino Médio, quando eu comecei a observar mais o que os muros da cidade registravam. Me abrindo com vocês, eu não estava me sentindo muito bem, mas de alguma maneira, os muros da cidade me faziam escapar um pouco da realidade. Eu observava e analisava, me aprofundava para tentar encontrar aquilo que os autores ou autoras queriam falar, até eu naquilo me encontrar, me identificar. Encontrei na arte urbana uma válvula de escape, como se eu estivesse pronto pro combate. Em pouco tempo, acabei gostando, achando agradável e fascinante essa forma de me expressar tão instigante. E desta forma eu comecei a praticar esse grito da alma para as ruas, e percebi que aquilo que eu via era muito mais do que eu fazia, e era para muito além daquilo que eu sentia. Era também uma forma de me conectar com o mundo e com a vida.

A vontade de trazer esses elementos de expressão das ruas para as salas de aula surgiu com a necessidade que eu sentia de unificar o que eu estava produzindo no campo artístico com a faculdade e a produção acadêmica, onde escolhi de maneira inusitada tentar trazer esse desdobramento que é feito nas ruas com o desenvolvimento acadêmico, sem

desvincular meu propósito, trabalhando naquilo que eu faço e gosto. Comecei com o *graffiti* em 2014, aos meus 16 anos, quando eu comecei a produzir, recortar e pintar estênceis, me inspirando em artistas ou coletivos como Banksy e Blek Le Rat, precursores desse movimento que adaptou os moldes de gravuras que eram usados nas indústrias para a arte.

Figura 1 – Autorretrato em Estêncil



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho (2014)

Eu via vídeos na internet, já que os artistas se encontram geograficamente distantes, buscava por imagens de suas obras mais expressivas e românticas no sentido conotativo. Em pouco tempo pesquisando essas referências artísticas e buscando praticar o tanto quanto possível, me adentrando e conhecendo esse mundo da arte urbana, percebi que eu não era o único interessado no tema durante o Ensino Médio, e foi quando eu conheci alguns colegas que também praticavam, e então começamos pintando juntos. Nunca mais

parei de praticar e adorar a arte urbana, e pouco a pouco fui trabalhando com outras linguagens semelhantes a dos estênceis que estavam próximas, como o *graffiti* e as colagens poéticas.

1.1. Proposta

Tendo em vista o objeto de estudo ser parte da minha prática artística desde 2014, trago a temática para a sala de aula de forma a contribuir na discussão do assunto que é comum na geração de jovens e adultos do Ensino Médio e EJA.

A presente proposta vem para desenvolver nas escolas os conceitos de algumas ramificações da arte urbana, que são segmentos das áreas do *graffiti*, do estêncil e das colagens poéticas, aprofundando nesta temática, de modo a abordar os assuntos que envolvem desde as legislações que regem as autorizações de uso dos espaços, até a prática artística das pinturas e gravuras realizadas como forma de murais, painéis e decorações gerais.

Este projeto visa, sobretudo, aumentar a gama de conhecimento sobre essas áreas da arte urbana, enquanto revisará a linguagem do *graffiti*, dos estênceis e das colagens poéticas, de forma a envolver os alunos no processo criativo de suas obras, que serão planejadas nos muros internos e externos dos centros de Ensino Médio e EJA durante um período letivo. Irei mostrar aos alunos algumas fotografias de obras de arte urbana espalhadas pela cidade, algumas no DF, outras em outros estados. As obras terão maior abrangência local para que os alunos identifiquem os locais e possivelmente os trajetos percorridos por eles no caminho entre a casa e a escola.

Mostrando de que forma essas obras se encaixam no cotidiano e no contexto dos alunos, faremos análises críticas acerca das questões poéticas, decorativas e visuais, se inserindo na questão do conteúdo visual e também ocupacional dos espaços.

1.2. Justificativa

O tema da arte urbana pode ser usado como um potencial transformador e reformador de espaços e estruturas, pois posto em prática fomenta a difusão da arte, da cultura e pode ser usado como forma pedagógica enquanto viabiliza a criação, a expressão, a difusão de práticas culturais.

O projeto visa relacionar, de forma adequada, o diálogo entre o corpo docente e discente no que diz respeito ao uso do espaço visual da instituição. Este diálogo atualmente

encontra-se nas margens desse relacionamento entre educador e educando, pois obras clandestinas continuam a ocorrer nos interiores das escolas públicas. Ampliando a discussão e mostrando a diferença nos processos artísticos, comunicação esta que se encontra pouco discutida nos meios pedagógicos e acadêmicos, espaço terá mais “a cara” dos estudantes, talvez reduzindo até intervenções infracionais contra a instituição, na medida em que os espaços também são preenchidos pelos mesmos autores.

Promovendo as pinturas dos espaços físicos, nos muros e painéis interiores e exteriores das instituições de ensino, a instituição pode desenvolver projetos pedagógicos integrados e progredir no seu potencial de ensino e aprendizagem. Tendo os espaços pintados, podemos estudar a poética contemporânea das pinturas e fazer inclusões sobre isso, assim como estudos interdisciplinares, tais como envolver os aspectos históricos, geográficos, sociais e antropológicos das obras.

Conhecendo os procedimentos necessários de autorização do uso dos espaços públicos e privados, seja escola, faculdade ou instituição de ensino, a questão técnica e poética tem ainda maior espaço para ser elaborada e realizada, de forma racional e bem planejada, com maior viabilidade de execução.

Já que esse movimento cultural está presente em quase todo o momento nas ruas pelo mundo todo, não há porquê criminalizar, marginalizar ou abordar de forma discriminatória nos dias de hoje. Não há como interromper um movimento que se dá de forma tão natural e oriunda, que se aprofunda nos mais antigos tempos de existência da humanidade.

1.3. Histórico

Segundo o livro **O que é graffiti?** (GITAHY, 1999), a palavra “*graffiti*” vem da palavra em italiano “*graffiato*”, verbo que significa arranhar, raspar, ou substantivo para áspero. Desde o Império Romano, existem registros históricos de rabiscos, arranhões, gravações raspadas nas paredes, trazendo dizeres, letras, siglas, palavras, frases, nomes e desenhos que continham mensagens de protesto, informações e demarcações. Mas desde aquela época, o *graffiti* sempre teve um teor transgressor, tendo em vista que eram gravuras feitas de maneiras clandestinas, sem a autorização dos proprietários legais daqueles locais, edificações e patrimônios.

Este aprofundamento histórico tem como base o livro: **O que é graffiti?** (GITAHY, 1999). De acordo com o autor, antes do termo *graffiti* existir, em outra era, nossos ancestrais também deixavam as suas marcas, seus registros, suas mãos, suas histórias,

através das pinturas rupestres. Após mais de 10.000 anos esses registros ainda existem, conservados no abrigo do Sol e das chuvas, em grutas e cavernas em território brasileiro e pelo mundo. Esses registros e marcas, eram projetadas nas paredes rochosas de grutas e cavernas com o uso de pigmentos e tintas orgânicas e naturais, oriundas de sucos de frutas, sementes, e até mesmo de sangue.

Um pouco mais adiante, segundo Gitahy (1999), os egípcios também faziam murais em pirâmides e túmulos, utilizando símbolos e imagens. Mesmo sendo pinturas muralistas, não se distanciam de uma colocação primitiva de arte urbana. A pintura em mural não se dissocia da qualidade expressiva de arte urbana, e graças a essa necessidade de expressão ser potencializada pelos murais, eles começaram na pré-história e se expandiram depois para a Ásia e para a Europa.

Ainda segundo Gitahy (1999), já no século XX, no México, artistas pintaram murais nas laterais dos prédios públicos. Longe das cavernas, criou-se a partir da pintura de murais em prédios e painéis um movimento artístico, com artes que são capazes de alcançar a sociedade em massa. O muralista David Alfaro Siqueiros, em 1920, Barcelona, incentivou os artistas da América Latina a promover esta arte que alcança a todos, dizendo a seguinte frase: *“Pintaremos os muros das ruas e paredes dos edifícios públicos, dos sindicatos, de todos os cantos onde se reúne gente que trabalha”* – (SIQUEIROS, David Alfaro, 1920 apud GITAHY, 1999, p.15).

Porém, como muitos movimentos históricos, transformações acontecem, experiências se adaptam, se atualizam, se reformam e se transformam o tempo todo. Antigamente, nossos ancestrais gravavam, com suco de frutas e pigmentos naturais na boca, soprando a tinta e, desta forma, borrifaram suas mãos nas paredes, como podemos ver na seguinte imagem, onde a fotografia que registra esta técnica primitiva.

Figura 2 – A Caverna das Mãos, Patagônia



Fonte: Jorge Caze (2007)

Hoje em dia, a borrifada pode vir de uma lata de spray com tinta acrílica, diluentes, gases e pressão, e o significado e os resultados deste movimento são vários, temos novas correntes. Este movimento é complexo e conta com muitas vertentes, que até contradizem-se em diversos aspectos e características. Desde o século passado para hoje em dia, o aerosol passou a fazer parte desse movimento, e então o processo de criação foi sendo adaptado com o decorrer do tempo, com a evolução da técnica e da disponibilidade de materiais e tintas..

No mesmo período em que os aerosóis começaram a ser utilizados para os *graffitis*, os moldes de Blek Le Rat¹ eram utilizados como precursores do segmento do estêncil como arte de rua, como podemos ver nas próximas imagens do artista no momento em que ele grava com um de seus moldes as figuras de um rato preto pelas ruas de Paris, em 1990.

¹ Blek Le Rat é um artista precursor com o uso do estêncil em artes de rua. Nascido em 1957 e iniciando sua carreira artística em 1973, está em atividade até os dias atuais expondo o seu trabalho em museus, galerias de arte e nas ruas pelo mundo.

Figura 3 – Blek Le Rat 1



Fonte: Retirada do site <http://www.dionisioarte.com.br/blek-le-rat-conheca-um-dos-maiores-nomes-do-stencil/>

Figura 4 – Blek Le Rat 2



Fonte: Retirada do site <http://www.dionisioarte.com.br/blek-le-rat-conheca-um-dos-maiores-nomes-do-stencil/>

2. DESENVOLVIMENTO

Tendo revisado o passado histórico de onde surgiu esse movimento, estamos prontos para seguir em frente investigando este movimento artístico tão recente. Começaremos tratando acerca dos objetivos gerais desta tese, até a descrição sucinta do plano de aulas que vem a seguir na conclusão.

A proposta deste desenvolvimento é que ele explicita os caminhos percorridos pelos docentes para que os mesmos realizem este plano de ensino, apontando algumas vias para que os trabalhos de arte urbana sejam elaborados de maneira em conjunto, e dissertando acerca de alguns passos que devem ser tomados para que tudo ocorra bem.

2.1. Objetivos Gerais

Abordar a temática da arte urbana e da expressão pelo meio do *graffiti*, do estêncil e das colagens poéticas como plano de aula no Ensino Médio e EJA.

Aumentar a gama de conhecimento sobre essas determinadas áreas.

Melhorar a comunicação entre os estudantes e o corpo docente através da expressividade na arte e do diálogo que esta pode causar.

Incentivar e colaborar com a expressão artística e sentimental dos estudantes, para que eles expressem seus sentimentos e tenham um alívio na carga emocional.

Fazer com que os estudantes enxerguem melhor as ruas e percebam melhor o ambiente que os cercam.

Acompanhar a poética contemporânea às pinturas para entender melhor a sociedade.

Aprofundar os estudantes nas áreas das artes visuais mais recentes e contemporâneas.

2.1.1 *Objetivos Específicos*

Apresentar plano de aulas com a temática da arte urbana.

Trazer os conceitos e as diferenças entre *graffiti*, arte urbana e pichação.

Abordar a legislação vigente nas partes que dizem respeito às intervenções urbanas, tanto as leis que criminalizam determinadas ações, quanto a leis que incentivam a prática e a produção artística.

Apresentar as propostas de intervenção urbana usando técnicas da arte urbana.

Desenvolver projetos que envolvam a elaboração e a criação de painéis, murais e *graffitis* nas escolas.

As intervenções devem ser executadas até o final do período letivo, levando em consideração o tempo de preparo e os prazos que devem ser cumpridos para a avaliação. A meta é preencher com arte os melhores espaços visuais do interior e do exterior da escola, de acordo com as propostas sugeridas.

Conversar com os alunos acerca das questões apontadas ou denunciadas através dos *graffitis* nas paredes utilizando referências fotográficas e videográficas.

2.2. Minha Trajetória

Minha trajetória neste movimento artístico começa no Ensino Médio, aos meus 15 para 16 anos. No início do meu percurso por este mundo da arte urbana, comecei a criar um novo olhar para o que havia nas paredes, observando mais o que os muros tinham a dizer, que tipo de mensagens, escritas, frases, poesias, os desenhos, as cores, e enfim, as formas de expressão. Quando eu pude observar na minha escola alguns dos participantes desse movimento desenvolvendo algumas obras, me interessei e fomos conversar sobre isso. Desde então, saímos para produzir e pintar por aí, em qualquer lugar que considerássemos pertinente que fosse pintado, como em lugares abandonados, espaços com as paredes já degradadas pelas ações do tempo, ou então em paredes que já haviam muitas outras intervenções na sua área e nos seus arredores. Buscávamos pintar mas não procurávamos as autorizações dos proprietários daqueles locais. Pintávamos qualquer lugar que quiséssemos. Quando comecei, não haviam muitos espaços que iriam me valorizar ou ao menos confiar e autorizar para que eu pudesse criar, me desenvolver no campo artístico e melhorar.

Figura 5 – Abandonar espaço é deixar gente sem casa!



Fonte: Emanuelle Sena (2019)

Hoje em dia, busco pintar em muros autorizados, sejam em mutirões de *graffiti*, sejam em murais ou painéis propostos por clientes ou até mesmo em letreiros ou pinturas essencialmente comerciais.

Não é fácil começar, e entendendo esse aspecto, quero gerar oportunidades para artistas e muralistas iniciarem na área, ou então para que pessoas possam se expressar à vontade, sentindo liberdade no ato de criar, falar e manifestar, de forma que possam desenvolver a técnica artística, ou aliviar um sentimento através da arte.

2.3. Legislação

Sabemos que a legislação do DF prevê que até mesmo o incentivo e a valorização do graffiti feito como intervenção artística em espaço público ou privado, mediante

autorização, como prevê o decreto 39.174/2018, que tenho orgulho em dizer que fiz parte de sua criação.

Em 2017, havia sido sancionada uma lei, a lei 6.094/2018, que na prática, instituiu uma multa de cinco mil reais para alguém que fosse pego pintando em algum lugar, e até mesmo uma multa de dez mil reais em caso de alguns patrimônios específicos. A lei não faz distinção entre o que é *graffiti* e o que é pichação, e estava repleta de defeitos complexos. Parte da sociedade civil praticante da arte urbana ficou revoltada com a forma como essa lei instituiu multas tão abusivas e de forma tão discriminatória.

Fonte:

http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/4baa7c43537a414db6d9813e49f53193/Lei_6094_02_02_2018.html

Conhecendo meus colegas praticantes da arte urbana no DF, posso afirmar que praticamente nenhum de nós tem cinco mil ou dez mil reais para pagar por uma multa. Estarmos pintando algum espaço público com a finalidade de renová-lo, valorizar o patrimônio ou trazer uma atmosfera mais positiva deveria ser passível de multa? Além disso, existem códigos que regem os valores a serem tributados do cidadão comum para determinados fins, e esta lei, que estava em vigor, desrespeitava a outras normas previstas previamente em outras leis, atravessando instâncias jurídicas.

Essa parte da sociedade civil praticante da arte urbana no DF, revoltada com a situação em 2017, se reuniu, se organizou, e juntos, conseguimos contato com algumas entidades, instituições e órgãos que poderiam nos coligar com o governador Rodrigo Rollemberg e com o Palácio do Buriti, a fim de discutirmos acerca desta política pública. Como resultado desta organização, conseguimos agendar meia hora de conversa com o então governador Rodrigo Rollemberg e assessores do governo em uma sala de reuniões do Palácio do Buriti. Lá, apontamos todos os defeitos e pontos negativos da lei, incluindo controvérsias da própria, e contradições com outras leis. Apontamos em seguida, contrapropostas de outros códigos que instituíram a valorização do *graffiti* e da arte urbana em outros lugares e estados, como em São Paulo e no Rio de Janeiro. Por fim, esta conversa e articulação, gerou o decreto 39.174/2018, que promove a valorização do *graffiti*, atualmente através de eventos anuais que revitalizam locais, mas com uma série de metas ainda a serem cumpridas pela Secretaria de Cultura.

Figura 6 – Comitê formador do Fórum de *Grffiti* do DF



Fonte: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2018/03/15/representantes-do-forum-de-grafite-articulam-valorizacao-do-movimento-no-df/>

Também existe um projeto de lei em andamento, aguardando parecer do relator na Comissão de Cultura, o PL 2.358/2019, que declara e eleva os movimentos artísticos presentes na periferia como patrimônio cultural e manifestação da cultura popular nacional, onde estão presentes o movimento Hip-Hop, que engloba o rap, a arte urbana com o *graffiti*, e outros movimentos artísticos identitários.

2.3. Observação (CEMEB)

Durante o meu período de observação de aulas no CEMEB, pude lembrar o quão significativo foi aquele período na minha vida. Eu estava começando nesse mundo da arte urbana, através da observação atenciosa aos muros da cidade por onde eu caminhava. As obras nas ruas pareciam ter um significado aquém daquilo que se via, como se

registrassem enigmas, marcas curiosas a serem exploradas por não serem tão explicitadas à primeira vista. Tendo isso em mente, e partindo do princípio de que nem todos os estudantes terão esta mesma visão, pude retornar ao Centro de Ensino Médio onde fui formado e que me abrigou muito bem pelos anos de 2012 à 2014.

Durante as aulas teóricas, pudemos observar e analisar algumas das obras próximas aos estudantes no sentido geográfico. Alguns *graffitis*, estênceis e colagens poéticas foram mostrados aos estudantes para que pudessemos discorrer a respeito das obras. A apresentação das imagens suscitaram algumas discussões à respeito das obras mostradas, onde os estudantes identificaram problemáticas vivenciadas por eles, e as obras de *graffiti* expressavam esses problemas, de modo a torná-los discutíveis no meio dos alunos.

Figura 7 – Aula teórica



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho (2018)

Figura 8 – Estudantes recortando estêncil de Machado de Assis



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho (2018)

Figura 9 – Estudantes com estêncil aplicado



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho (2018)

Figura 10 – Estudantes com *graffiti* aplicado



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho (2018)

2.4. Experimentação (CESAS)

A minha experiência no CESAS (2019), escola de Ensino para Jovens e Adultos (EJA), foi bem diferenciada da experiência que eu tive no Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB). Enquanto em uma escola eu tinha um público de faixa etária entre 15 e 19 anos, na outra escola eu tinha um público com idade bastante diversificada e vivências totalmente distintas entre os estudantes.

No entanto, o desenvolvimento seguiu conforme o planejamento inicial dos planos de aula, onde os estudantes observavam obras específicas nas proximidades do centro de ensino, trajeto provável entre os estudantes, suas casas e a escola, e analisaram criticamente estas obras, tentando compreender que tipo de mensagens elas poderiam ter, ou que tipo de conteúdo os autores queriam demonstrar ou incentivar.

Figura 11 – Parede antes da revitalização



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho (2019)

Figura 12 – Estudantes preparando a parede



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho (2019)

Figura 13 – Mural Coletivo no CESAS



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho (2019)

3. CONCLUSÃO

Nem sempre podemos prever tudo, então imprevistos podem acontecer, até porque as escolas passam por reformas estruturais com uma determinada frequência, então é importante ressaltar que as obras de arte urbana são efêmeras e que podem mudar em menos tempo do que o previsto ou imaginado. É importante estar inclinado para que esse tipo de acontecimento e que isto não tome parte da preocupação dos estudantes para com a obra, pois o que mais deve ser levado em conta é o processo criativo, o processo de expressividade e a coletividade estudantil que se é naturalmente realizada ao trabalhar em uma obra em comum que tende a valorizar e tornar mais atrativo e admirável o bem público.

3.1. Análise e conclusão

No CEMEB as aulas e a execução das obras fluíram como o planejado, conforme combinado com a direção escolar, com a temática sugerida para este período e com os estudantes. Já no CESAS, apesar de tudo ter sido previamente combinado com a direção escolar, com os estudantes e comigo em função de

educador, a obra foi removida pouco tempo depois por conta de uma reforma não prevista que ocorreu no local indicado para a obra, apontado pela direção. Infelizmente, a obra durou apenas duas semanas, deixando os estudantes descontentes com a iniciativa da direção.

3.2. Metodologia

Esta metodologia do plano de aulas está baseada na tese **O Grafite como mediador em discussões educativas e culturais entre a escola e a cidade** (SILVA, Renata; IAPECHINO, Mari; GOMES, Valéria. 2010/UFBA). Esta tese de licenciatura também tem como base minha pesquisa autobiográfica percorrida ao longo dos anos de desenvolvimento artístico em prol do *graffiti* e da arte urbana para a construção deste plano de aulas.

3.3. Plano de Aula: Procedimentos e estratégias

Tendo como referência o Currículo do Ensino Médio, onde a área de Artes tem duas aulas de uma hora e meia cada por semana, apresentarei um plano de aulas adequado aos três anos do Ensino Médio e EJA.

Aula 1:

As aulas começarão com duas perguntas básicas: O que é o *graffiti*? Depois de os alunos responderem, comentaremos as afirmações e questões apresentadas. As respostas dos alunos supostamente serão intuitivas, portanto, deve-se explorar a discussão teórica sobre o que é *graffiti*. Logo após este período, partiremos para a segunda pergunta básica: O que é pichação? E então, fomentaremos a conversa de forma a deixarmos explicitadas as diferenças entre o que é um painel artístico, um mural, e o que é uma contravenção penal.

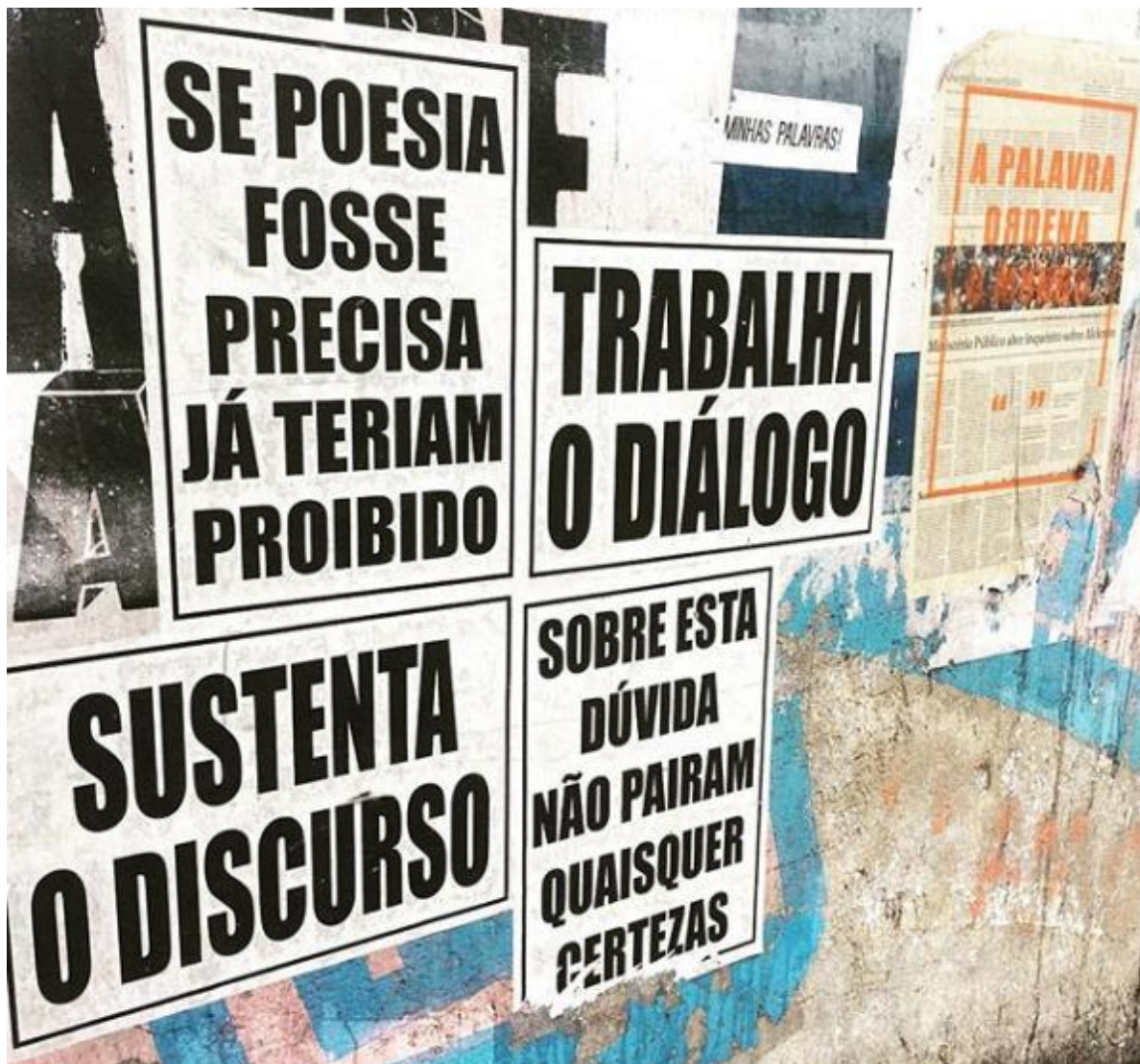
Aula

2:

Após isso, mostraremos algumas referências visuais através de fotos e imagens que mostram a arte urbana, como intervenção nas ruas e praças públicas e privadas pelo

Distrito Federal, e também por demais países afora. Neste momento, os estudantes serão estimulados a analisar, comentar, contestar e enfim, integrar um quadro de debates acerca das obras, para que eles possam compreender melhor o que as paredes têm para nos dizer.

Figura 14 – Colagens Poéticas (Coletivo Transverso)



Fonte: Retirada do site <https://www.instagram.com/coletivotransverso/>

Figura 15 – Estênceis (Coletivo Transverso)



Fonte: Retirada do site <https://www.instagram.com/coletivotransverso/>

Figura 16 – Eu Prometo (Humanos/SP)



Fonte: Retirada do site <https://www.instagram.com/somostodoshumanos/>

Após este momento inicial de referências visuais, os alunos poderão distinguir sobre as diferenças técnicas a respeito do que é *graffiti*, o que é o estêncil, e o que são as colagens de rua, elementos que compõem a arte urbana e a cultura hip-hop.

Aula 3:

Após este período inicial de referências visuais e debates acerca das questões sugeridas, exibiremos alguns vídeos demonstrativos das três técnicas de arte urbana que serão apresentadas e introduzidas. Alguns dos meus vídeos feitos em determinadas eventualidades podem ajudar os alunos a captarem melhor a ideia do planejamento e da execução de suas obras para cada uma das três áreas a seguir: do *graffiti*, do estêncil e das colagens poéticas.

Enquanto os vídeos passam, comentaremos a respeito de questões técnicas de como o procedimento está sendo realizado, para que se fixe a ideia de como é feita a produção visual ou de como se é executada aquela obra ao ser estabelecida lá.

Aula 4:

Após os estudantes observarem referências visuais através das fotografias e analisarem as questões técnicas através dos vídeos, eles se reunirão em grupos para que articulem em conjunto um trabalho de arte para cada grupo. Os grupos escolherão a técnica ou as técnicas que serão utilizadas para que eles desenvolvam suas obras, e desta forma, trabalharão no planejamento e execução de suas obras, observando as temáticas sugeridas em aula. As temáticas podem variar dependendo do calendário escolar, para que assim, as obras possam combinar e contextualizar com as eventualidades ocorrendo na escola nos períodos em que as obras forem executadas, como o dia da Consciência Negra, onde os alunos desenvolveram obras tornadas a valorização da população preta e de sua cultura.

Neste momento, os alunos serão orientados para que pensem acerca de uma ideia para a obra que será desenvolvida em grupo. Cada grupo fará uma obra, e trabalhará com as técnicas combinadas entre os membros. O grupo pensará na ideia e fará um esboço, um rascunho ou um desenho, criando um planejamento inicial, uma introdução à ideia, escolhendo a modalidade e os materiais para a execução das obras. Serão usadas ferramentas e materiais, que poderão variar entre rolos, pinceis e tesoura como ferramentas, e materiais como tintas acrílicas, papeis (impressos ou não) e colas.

Aula 5:

A partir desta aula, tendo passado os estágios iniciais de introdução e desenvolvimento dos esboços, rascunhos e planejamentos das obras, os alunos estarão mais preparados para executar as obras em questão, onde a teoria aplicada anteriormente

servirá como base para a criação das obras. Será a fase da produção das obras, e o educador deve ser solícito a questões técnicas e funcionais para que todas as obras ocorram bem e de maneira sucinta ao planejamento realizado previamente. Nesta etapa, é importante que os alunos revezem as funções para que não haja sobrecarga de nenhum estudante no grupo.

Até a conclusão das obras, deve-se atentar sobre as questões estratégicas de execução para que os alunos desempenhem cada um, uma função. Há alguns alunos que têm maior predisposição de usar uma lata de aerosol com tintas, e há outros que preferem usar os pinceis e os rolos para executar suas pinturas. Há estudantes que preferem uma linguagem mais gráfica e estudantes que preferem trabalhar com um conteúdo mais abstraído do figurativo para se expressar, então deve-se entender e respeitar a propensão de criação dos estudantes para que eles possam se integrar mais facilmente às suas obras.

A função do professor neste momento, é que ele possa administrar e articular a condução das obras para que todas elas ocupem o melhor espaço visual da instituição de ensino para cada obra, de maneira a valorizar o patrimônio público e respeitando as regras e os limites de cada local.

Aula 6:

A aula 6 deve focar num pensamento posterior a realização das pinturas, nas sensações e nas experiências dos alunos, como uma reflexão acerca das obras realizadas, para que os alunos possam refletir acerca dos trabalhos realizados, e se possível for, que escrevam a respeito de que emoções ou sentimentos eles queriam transmitir com a realização das obras. Essa conversa posterior é fundamental para que se tenha um retorno dos alunos e da comunidade escolar, para saber sobre a valorização dos estudantes sobre as obras, e para compreender como eles enxergam esse novo espaço agora, revitalizado e preenchido com suas mensagens, imagens e dizeres. Com esta conversa posterior, pode-se compreender acerca do empenho dos alunos nos trabalhos, além do que os coloca em uma posição onde eles devem aprender a falar sobre os seus sentimentos, sobre a sua escola, sobre os efeitos antropológicos e sociais de um novo ambiente decorado pela própria comunidade.

3.2.2. Observações pessoais

No geral, todos os estudantes tendem a participar de todas as atividades propostas, da análise sobre as obras até a parte da arte urbana posta em prática. No momento dos comentários introdutórios sobre este plano de aulas, os estudantes se entusiasmam muito com a ideia de que eles poderão criar obras no seu ambiente escolar. O que se propõe aqui, é aumentar a gama de conhecimento sobre essas determinadas áreas da arte urbana,

e para isso, é necessário um verdadeiro aprofundamento sobre essas questões que dizem respeito às origens deste movimento, as práticas artísticas e a legislação vigente. Mesmo antes de se iniciarem as discussões, os estudantes demonstraram ter certa proximidade com as linguagens artísticas demonstradas em sala de aula, e muitos inclusive comentam a respeito dos conceitos vinculados a esses nomes que compõem a arte urbana.

Porém não existe um conceito definitivo sobre o que é o *graffiti* e o que é a pichação. O cidadão comum e não praticante destes objetos de análise consegue discernir rapidamente seus conceitos ao falar sobre, porém, há uma problemática com a nomenclatura. Há pessoas que chamam *graffiti* de pichação, há pessoas que chamam pichação de *graffiti*, mas somente aqui no Brasil existe o termo denominado pichação. Em outros lugares no mundo como em Londres, local de algumas obras de Banksy, as escritas ou rabiscos nas paredes são chamadas de *graffiti*, com algumas variáveis como *graffiti art* ou *urban art*, arte urbana. *Graffiti vandalism*, ou no informal e específico de algumas derivações ilegais de *graffiti*, o *bomb*, o *throw-up*, são os termos mais apropriados para o sinônimo de pichação no idioma inglês, e esses termos representam quando a intervenção foi realizada de maneira ilegal, clandestina, desautorizada, assim como a pichação, com algumas variantes no estilo. Estas referências teóricas tem como base a tese **O Graffiti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil: estéticas e estilos** (POATO, 2010).

O *graffiti* e a pichação são a arte de rua atualmente vistas de maneiras distintas por diferentes pessoas, nem todos que não participam destes movimentos sabem diferenciá-los. Nem mesmo os participantes destes movimentos chegam a um consenso sobre o que cada termo representa. Para alguns, a arte urbana e o *graffiti* são a mesma coisa e têm os mesmos propósitos. Para outros, a pichação se assemelha muito com o *graffiti*. Para alguns que não participam destes movimentos, o *graffiti* só existe quando é autorizado e legal, se for ilegal, é pichação.

3.2. Sugestões de novas linhas de estudo

A ênfase dos estudantes em apreciar movimentos novos, como o da arte urbana na visão cotidiana, torna fundamental que haja uma forma inovadora de articulação entre as vertentes mais recentes, e os projetos acadêmicos a serem desenvolvidos.

A minha proposta, ou sugestão para que novas linhas de estudo sejam percorridas, serviria para misturar e complementar elementos percorridos no dia a dia dos estudantes

com relação às intervenções urbanas, vivenciada pelos olhares de todos, com seus projetos e objetos de estudo.

É como tentar enxergar o que aconteceria mesclar Projeto Interdisciplinar, onde os alunos desenvolvem projetos em parcerias com entidades como a Secretaria de Cultura, com a poética das ruas. As maneiras de se disponibilizar um muro para intervir, pintar, gravar ou colar, ainda são pouco abordadas de maneira formal. É necessário conversarmos sobre isso, e apontar soluções para que se desenvolvam projetos de modo autorizado e legal, respeitando as leis vigentes e burocracias percorridas no caminho dos artistas e muralistas presentes no meio acadêmico.

É lamentável pensar que ainda há pessoas sendo detidas e interrompidas por tentarem pintar algum lugar de maneira pacífica e harmônica com o ambiente e com os aspectos sociais. Essa conversa, social e democrática, deve acontecer nos interiores dos ambientes escolares e universitários.

Com o tempo, poderíamos ter muito mais arte no cotidiano caótico de uma cidade que corre e tem pouco tempo. O diálogo com as massas vem com o desenvolvimento, e esse contato pode favorecer o bem estar social e a harmonia vivencial entre as pessoas, cada vez mais rodeadas de arte por toda a parte devido a ascensão e o fomento desse movimento artístico, que é acessível para todos de maneira gratuita e livre das distâncias entre a realidade cotidiana e as galerias de arte.

A proposta é a criação de uma matéria repleta de conteúdo sobre o *graffiti*, o muralismo e a arte de rua, que aborde da questão contratual mais prática e acessível de se desenvolver esses tipos de projetos, até a questões técnicas das pinturas, gravuras, colagens e intervenções no geral. Ampliando esse diálogo com outras instituições como as centrais elétricas, as escolas públicas e até hospitais, novas parcerias poderiam ser apresentadas à comunidade acadêmica e à Fundação Universidade de Brasília. O objetivo seria fomentar a arte urbana para se desenvolverem cada vez mais e melhores projetos que mexem inclusive com questões as arquitetônicas e urbanísticas das cidades, levando a sério a questão do desenvolvimento artístico dos murais e dos grafiteiros.

Referências Bibliográficas

SILVA, Renata; IAPECHINO, Mari; GOMES, Valéria. **O Grafite como mediador em discussões educativas e culturais entre a escola e a cidade**. 2012. 12f. *Artigo*. UFBA, 2010.

POATO, Sérgio. **O Graffiti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil: estéticas e estilos**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória. Laboratório do estudo do imaginário, 2006.

BLAUTH, Lurdi. **Arte, grafite e o espaço urbano**. 2012. 18f. *Artigo*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

CONSTANTINO, Diógenes Fernandes. **Graffiti como forma de conscientização**. 2011, *Trabalho de Conclusão de Curso (Artes Visuais Bacharelado)*. UFSC, 2011.

VIEIRA, Bárbara Costa. **Graffiti e Pixação: processos de apropriação e resistência**. 2015. 56f. *Monografia (Ciências Sociais Bacharelado)*. UnB, 2015.

JARDIM, Rafael da Costa e Silva. **A democratização do graffiti a partir da web 2.0: Análise da importância da obra de Banksy e Blek Le Rat para o período artístico-cultural contemporâneo**. UFRS, 2011.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. Ed. Brasília: Brasiliense, 1999.